

A PLUMBE

Redactor auxiliar: Pedro A. Mota

PERIODICO COMUNISTA-LIBERTARIO

Redactor-Gerente: Rodolpho Felipe

Redacção, administração e officina:
LADREIRA DO CARMO, 3
Expedito à noite

ASSIGNATURAS:
Anno 108000
Numero avulso \$100
Semestre 54000
Pacotes: 12 exempl. 12000

Toda correspondencia, rates e registados devem ser endereçados á Caixa Postal 195 S. Paulo - Brasil.

CULTURA OU IGNORANCIA?

(*) O nosso collaborador H. N. em seu artigo "O perigo do Individualismo" fez algumas afirmações que precisam ser contestadas. Pelo que toca á critica feita ao individualismo, á supremacia do "Eu" e quejandias attitudes individualistas, estamos de pleno accordo e só temos que applaudir-as e reforçá-las. Mas nosso collaborador, num impulso de foga, não se limitou a pôr a nu, a mostrar o lado fraco e perigoso do individualismo, que muitas vezes recoberta o mais feroz egoismo e o mais desbragado immoralismo, desanhebrando tambem contra a cultura, a escola, a instrução, mostrando-se quasi favoravel a que as crianças só aprendam um officio manual, tecnico, desprezando á escola, o ensino, o aprofundado do alphabeto.

Ela as suas proprias palavras: "E' uma offensa grave exigir aos paes que educam seus filhos quando a miséria desoladora invade os lares absorvendo e atropellando os mais bellos sentimentos."

"E, mesmo que o proletariado educasse a sua prole, nunca isso importaria para a obra de regeneração social, pois que todos sabemos qual é a educação e a cultura que recebemos nas escolas do Estado, ou mesmo particulares. Quasi é preferivel fazer bons operarios e artistas do educação rotinaria, do que excellentes pensadores no modo actual absorvente."

Ela ahí posta a questão por H. N. em toda a sua nudez. Mas contra esta concepção do problema não discordamos. Não achamos, ao contrario do nosso collaborador, que seja offensivo exigir aos paes que educam seus filhos. Porque offensivo? Quando constituíram familia, pensaram nestas difficuldades que isso acarretava e nas tremendas responsabilidades que caso facto os obrigava a assumir?

Pois se não pensaram a culpa é delles e do mais ninguém. Pelo facto de ter os filhos, que de resto não pediram para vir ao mundo, os paes têm a obrigação indelivel, o dever imperioso de prover á sua subsistencia phisica, moral e intellectual do modo mais honroso e consentaneo. A sociedade cercola-lhes os meios, certamente. Revoltam-se contra a sociedade, modifiquem-na, combatam-na até obter o fim em vista.

E, depois, á tudo quanto do sacrificio, do boudade, do equilibrio. Muitos paes se não educam os filhos e por espirito de

mesquinhez ou porque preferem gastar em fúteis e perigosos prazeres e vicios hediondos, aquillo com que poderiam educar e instruir os filhos. Tem dinheiro para fumo e jogo, para caça, para bebidas, para esportes brutos e deseducativos, para conquistas dionysiacas, mas para educar os filhos não têm. E do-emo-nos compadecer de semelhanthes criaturas?

Bom nós sabemos, por outro lado, que a educação fornecida pelo Estado não é a mais propria, nem a que mais favorece o desenvolvimento da intelligencia e dos sentimentos infantis para o bem, para a justiça, para a solidariedade, estando muito longe de favorecer o normal desenvolvimento das facultades harmonicas das crianças, da futura humanidade.

Mas, neste caso, o que se de-vo fazer é criar, ao lado deste ensino, um outro mais consentaneo com o fim em vista. Se cada paé ou mãe, tratasse, em casa, de corrigir os defeitos deste ensino actual, explicando ás crianças as causas de semelhantes falhas e lacunas e procurando modificar, orientar, corrigir, annullar aquillo que elle tenha de pior, já se faria um grande esforço no sentido de libertar os cerebros infantis dum mundo de superstições, crendices, preconceitos hypocríticas que lhes inculcam na escola.

O Estado proporciona o ensino proprio a favorecer, fortalecer e enraizar mais e mais a organisação governamental-capitalistica. As seitas apodaram-se da Escola tambem por espirito de proselitismo, puxando a brasa para a sua sardinha, querendo alargar e perpetuar o ambito de suas explorações e privilegios.

O catholicismo quer fazer de cada alumno um crente humilde e o submisso ás maximas da santa madre Igreja catolica e apostolica.

O protestantismo quer em cada alumno um fervente adorador da Biblia e do Christo, que morreu para libertar a humanidade, não tendo podido sequer libertar-se da cruz em que o crucificaram e em que exprou.

O espiritalismo é uma fabrica do... pobre do espirito. A Maçonaria, no menos no Brasil, quer fazer cidadãos muito obedientes á lei de palz e da Igreja catolica.

Essas instituições que mostram carinho pela Escola, todas lançam mão della como um instrumento do proselitismo, do sectarismo, do jesuitismo com segundas fins. Por tanto, todas fornecem um ensino falho, incompleto e até certas vezes pernicioso, mas nem assim devemos pensar que seria melhor não existir nenhum. A escola actual é um instrumento grosseiro que precisamos, epytoleçun, melhorar o dignificar para obter dello tudo que é licito esperar. Mas mal com ella, pior sem nenhuma. Todos acham que é melhor os

outros não irem á escola, mas até H. N., do resto um optimo articulista, se lá não tivesse ido não poderia fazer-nos sciontes de seus pensamentos e cogitações.

A ignorancia é um tal estado de inferioridade que não se compadecce com nenhuma situação nobre o elevada. Houve honras que obraram prodígios, mesmo não conhecendo os livros? E' verdade, mas isso foi a excepção e não a regra. Ha gente analfabeta, melhor inculca, e talantos, mas só fosse instruida nada poderia o seu talento, antes tomaria uma amplitude consideravel e dos seus actos resultariam acontecimentos muito diferentes.

A Igreja e o Estado mantem escolas com o fito de prolongar e estender o seu predomínio? E' verdade. Mas foi, das escolas catolicas, dos seminarios e outras que sahiram os piores inimigos da Igreja, os homens que com conhecimento de causa, rageram o véu que encobria todas as misérias e vellacarias dos toutsurados e ensinados.

Do modo que é preciso ter em conta a relatividade das cousas e fugir de fazer affirmações do caracter absoluto. O que só para desejar é cada vez mais cultura entre o proletariado, não com o fim de alardear superioridade, passar por sabido, desprezar o povo, jactar-se de melhor que os outros, mas para uma melhor comprehensão dos phenomenos que nos rodeiam e com o fim de transmitir aos trabalhadores os conhecimentos, as energias, as directivas que elles não possuem simplesmente por serem ignorantes, rudes e atrasados por falta de educação e instrução adequada.

E todos certeza de que H. N. concordará commosso.

Commentarios . . .

Correspondencia astrogiliana

Il-Holy, tem as suas leituras, como leitura descepiante, e seguinte trecho de uma das sensacionais e quirdicas catilhas do P. C. Brasileiro em Moscou, com o respectivo commentario:

"A primeira impressao que se tem aqui é de tristeza. Os armazens e cooperativas estão abarrotados de generos e artigos de toda sorte."

Ora, muito bem. Ludo pelo facto das armazens e das cooperativas estarem abarrotados de generos, tem-se a Rússia como uma maravilha?!

Não vejo por que? Faltaria por faltaria, temos aqui neste Brasil gigante e mesmo assim vivese a morrer de fome. Aqui tambem não faltam armazens abarrotados de generos e não abarrotados que não faz muita falta, e Fidel vive de depositar em sua teta uma grande quantidade de feijão, e mesmo assim o povo não tem pão e vive na miséria. Que elles são da burguezia? Mas na Rússia tambem os armazens e cooperativas das propriedades do Estado Communista, isto é, toda a fartura está nas mãos e em poder do governo que, como tal, faz della o que quer e dá a quem mais lhe apparece, como acontece aqui e em toda parte onde existe um governo, tenha elle a forma que tiver."

Logo, e que há na Rússia é apenas um novo ritual; no fundo é na pratica tudo vem a dar no mesmo ou pior. Aonde quer que exista governo, existe escravatura e ao lado desta companhia a miséria.

ATOM

NENO VASCO - A concepção Anarquista do Syndicalismo - 28000

Ainda ha bom senso

Nem tudo é permitido sem proteccão. Foi o caso da Liga Nacionalista ter dirigido á Camara uma representação solicitando da mesma uma formal recusa ao pedido de ser consentido que em praça publica se levantasse uma estatua a Mussolini, visto elle nada ter feito em favor da liberdade e da humanidade.

Se algum dia a Liga Nacionalista falou do candeira, com timo, razão e justiça, interprotando com fidelidade o sentir da gente de bem, foi desta vez, reconhecemo-lo com desvanecimento.

Porque é uma verdade curial, elemental: Mussolini nada fez em favor da liberdade. Pelo contrario, extrangulou-a, escarneceu-a, crucificou-a. Apodou-se do poder á custa de todos os crimes, violencias e crueldades, passando por cima de todas as normas de justiça, de liberdade e de humanidade, mantendo, inconduindo, atropellando tudo e todos na sua marcha incoercivel para o governo, para o dominio, para o mando absoluto.

Do modo que erguer-se-lhe uma estatua mesmo voridica, representando o de "manganollo" em punho, em S. Paulo ou em qualquer ponto do Brasil, seria uma afronta aos costumes do Brásildura que caracterizam a familia brasileira, um insulto aos principios de democracia, uma injuria ás tradições liberas de todo um povo. Por outro lado seria reconhecer como bom e dar ganho de causa ao regimen de truculencia que essa figura sinistra e antipatica do demagogo barato symbolisa e representa, seria erguer em regra de conducta e de moral social a esse systema de represalias feroces iniciado e mantido pelo fascismo visando o estrangulamento de todas as opiniões a elle contrarias, e á eliminacão pela morte, pela pancadaria, pelo terror, de todos os que não commungam com a ordem do consas iniciada e estabelecida na Italia.

O prestigio de Mussolini, heroe de entremez, ha de passar como fogo do palha, momento ephemero na vida do povo Italiano, regimen politico que envergou e dograda. Muita coisa destruiu e nada edficou de honesto, de duravel, do grandioso. Ha-de cair como tantos outros que se guindaram á custa de todas as trações ao plhauculo do poder e do mando. Elle não merece estatuas, a não ser do merreo costume. Elle não merece honras, a não ser feitas com as armas do S. Francisco. Elle não merece admiração, mas antipatia, hostilidade, patada. Elle não resolveu os problemas que agitam todos os povos: problemas moraes, economicos e outros do que depende o sucesso, a paz, a felicidade universal. Monarquismamento obumbrat-os, querendo enterrar o sol num pogo, mas bem se vê que o proeza é impossível, pois continuam de pé, insolvíveis a agitar todo o mundo e que ha-de ser mais tarde ou mais cedo resolvidos, solucionados. Adlai, pela maior das violencias, a dita da grande revindicação, consoguiu para a burguezia e para a monarquia uma tregua, um respigo, uma moratoria, mas o fogo está latente e um dia o vulcão entrará em convulsões.

LOBOS COM MASCARA DE CORDEIRO

Todos os organismos se gastam e a violencia organizada não foge a esta regra: acaba por gastar-se a si mesma, como o moinho que roda sem trigo. A violencia mais cruel e desabusada acaba por envorgonar-se da sua propria situação, resento-se de seus proprios abusos, injustiças e cruises, sente-se instavel, oscillante, vê-se rodeada de desconfiança, do animadversão, do suspeitos e... acaba por querer adquirir direitos de cidadania, por procurar adquirir um estado social definido, por querer legitimar a mais gritante das illegalidades, por querer justificar a sua razão de existir, firmar o seu predomínio.

Foi o que succedeo ao fascismo na Italia. Depois dum golpe de Estado que pôz em panderoscos toda a ordem do consas lá estabelecida e que pela legalidade, pelas normas juridicas, pelos costumes e praticas consuetudinarias nunca teriam arrobado o poder, depois de fazer tãboa rasa de parlamento, do Senado, dos tribunales e de todas as regras estabelecidas peculiares á soluçã do questão governamental e do advento do poder, o fascismo do posse de todas as chaves do thesouro, de todas as mídas administrativas, vencidos, dominados, mortos pela violencia todos os adversarios, ou em estado de não poderem reagir, apouhou para as eleições que ganhou, que venceu quasi por totalidade pois que foram tomadas todas as precauções, todas as medidas para pôr fora de combate os adversarios mais tozozes, resistentes e intemorados. E só não obtiveram a totalidade dos votos porque os partidos socialistas-communistas, talvez com recelo de maiores represalias ou por interesse dos chefes, se negaram a reconhecer a abstenção eleitoral nos seus adherentes. Então, sim, que seria uma victoria estrondosa, clamorosa, rumorosa.

O fascismo elegor-se a si mesmo, sem concorrentes nem competidores, em plena "par" supular havia de ser de um offeto maravilhoso" o surprehendente para todo o mundo pensante. Pois não tinham marchado sobre Roma por livro albedro, sem ter em conta qualquer legalidade? Agora fuzilou tambem as eleições, ou não souber prociavam do ter tanto trabalho, redigir actas, apurar votos, publicar resultados: diziam simplesmente que as tinham feito, sem as fazer, o todo do mundo acreditava embasado. Então, sim, que Mussolini mereceria uma estatua na Paulella.

Mas esse mascara não illudiu ninguém. O fascismo com os seus eleições é um corpo extranho em meio á collectividade das nações. Distingui-se pela violencia e continua á mantel-a como uma daga, suas garrinhas e picullardadas mais desvairadas e licidivocas. Chegou a tempo o dia do ferro se pôdo manter. Quem torfo nasce tarde ou nunca anda trolta.

O fascismo ha-de morrer impouitente. Qual é a sua verdadeira essencia, a caracteristica mais saltoite? É a Violencia. Quando esta não existe, é porque já o fascismo terá suicumbido. Que não demore muito a que tenha uma morte digna dello

(*) Conforme a nota redactorial no artigo "O perigo do Individualismo" publicado no nosso numero anterior e á autoria do nosso collaborador H. N. fizemos o ver a duvida que alguns perloidos do seu trabalho nos delzava e postaríamos, pois, ahi-nosmos della. Em resposta tivemos uma carta que em nada nos oblietou, tanto por que, hoje, vamos relatando pela não pedimos attention até uma duvida que reputamos prejudicial ao nosso ponto de vista quanto á educação.

Estocadas bolchevistas-communistas

Astrogildo Pereira, ex-anarquista, fundador do partido bolchevista, dito comunista, do Brasil, acha-se lá diversos meses em Moscou, a Mecá dos modernos ditadores em ingravel e demorada visita.

Seria de esperar que nos desse ideias muito nitidas de tudo que por lá se passa de bom e de mau, mais de mau que de bom, infelizmente, como espectador imparcial da vida russa moderna, para instrução e edificação de todos nós. Ao contrario disso, elle prefere do lá mesmo continuar desacuando, denegrindo, calumniando os anarquistas brasileiros, os que, mantendo-se fieis ás ideias anarquistas que sempre os alentaram, se recusaram a adherir ao bolchevismo, a ingressar no partido Communista brasileiro, fundado e criado por tão conspícuo critico, que sob a capa de anarquista occultava o perfeito typo de autoritário, o completo capêsimo do individuo ambicioso do poder, de mandonismo, de governismo.

E como foi *A Plebe* que lhe barrou o caminho, que lhe impediu a obra de catechização e de arregimentação operaria, e como é ainda *A Plebe*, o orgão que com certa regularidade vai instruindo e orientando os trabalhadores no caminho da libertação total e integral pelos seus próprios meios e esforços, pondo a nu a velhacaria de todos os farçantes que procuram os meios operários como escada para a sua subida aos altos pótos de commando, o futuro ditador de todos os Brasileiros aproveitou a nessa noticia sobre a morte de Lenine para nos fal-

minar, das immedições do Kremlin, com sua excommunição maior passando nos atestado de «últimos abencerragens do anarchismo», «tristes inconscientes», «escríveis», «ex-revolucionarios», «pobre gente incapaz de comprehender» e muitos mais adjectivos, epithetos o appellidos que não queremos enumerar. E mais nos chamaria se mais tivesses em seu vocabulario.

Mas se elle nos considera assim por baixo,—o elle que o diz e porque o sabe, porque elle conhece-nos, já collaboramos juntos, já se sentou á nossa moza, já dormiu em nossa casa, foram annos de convivencia e familiaridade,—se elle assim nos considera quantidades desprezíveis, individuos sem talento e sem autoridade moral, porque não nos deixa em socego e ás moscas? Para que nos atirar pedradas de tão longe, para que dirigir-nos estocadas de despeitado lá da longínqua Russia? Será que mesmo lá lhe perturbamos o somno e o socego?

Numa paz de vida intensa como elle o proclama, numa nação onde se deu a maior das revoluções que a historia regista, numa capital que está para o proletariado como Roma para os catholicos, como Nova-York para os banqueiros, quem estivesse lá era caso para nem sequer se lembrar dos pobres e obscuros rabiscadores de *A Plebe*, quanto mais para se occupar delles em dois artigos successivos...

Pois bem. Astrogildo disse em suas cartas que se os anarquistas russos lessem o nosso modesto artigo que floriam indignados. E' como resposta a essas cartas

que nós iniciamos hoje a publicação do artigo de Emma Goldman, a valente anarchista russa que, expulsa da America do Norte, entrou na Russia e pôde falar com Lenine e observar de perto toda a sua obra e a de seus collaboradores, nem tanto por se convencer de que tudo que elles faziam a outra conta não levava ao extrangulamento da liberdade e da impossibilidade de poder colaborar em semelhante obra no sentido da Liberdade e da Anarchia retro-se para o estrangeiro, denunciando á opinião universal o caminho retrogrado em que os bolchevistos faziam envolver a maior das Revoluções.

Esse artigo, certamente terá sido lido pelos anarquistas russos, os grandes perseguidos de Lenine, e se elles estiverem em desaccordo esperamos ler a sua repulsa. E os nossos camaradas lendo com attenção o depoimento sincero e vehemente de Emma Goldman terão tambem uma ideia mais aproximada da figura de Lenine. Elle, com uma mentalidade perfeitamente jesuitica, persistiu em levar avante as suas opiniões, os seus desejos, as suas phantasias, mesmo quando eram contrarios e tendo de passar por sobre os cadaveres dos velhos companheiros de luta, que affrontando os horrores e as violencias czaristas acabaram por derrubar-lhe toda a engrenagem fazendo a maior das revoluções, sem a presença directa e pessoal de Lenine que só depois conseguiu voltar á Russia e empalmar o movimento.

Onde está pois o merito de Lenine? Em se ter apoderado da revolução para a refrear e extorminar as suas melhores elementos?

Grande reunião de protesto

Organizada pelo Comité pro Condennados á Morte, realizara-se á proxima quinta-feira, dia 29 do corrente, ás 8 horas da noite, uma reunião publica de protesto contra as iniquas sentenças de morte que pesam sobre as cabeças dos camaradas J. B. Acher, em Hespanha, e Sacco e Vanzetti, em Norte America.

Fazemos vivo apello a todos os homens e mulheres de consciencia livre, a todos os traba-

lhadores e a todos os revolucionarios soçietes para que compareçam á reunião que será realizada no Salão «Braz Paulistano», sito á rua Caetano Pinto, n. 24.

Unamos o nosso protesto aos protestos dos homies livres do todo o mundo.

Todos pela vida de Acher, de Sacco e Vanzetti e contra a pena de morte.

O Comité

GRUPO PROMETHEU

O Grupo «Prometheu», desta capital publicou o distribuiu um manifesto proclmando as sentenças de morte infligidas pelos potentados contra J. B. Acher, e Sacco e Vanzetti.

NO RIO

Convocado pela Federação Operaria do Rio de Janeiro, realizou-se no domingo ultimo, na Praça Mauá, um comicio publico de protesto contra a condemnação á morte de «El Poeta».

Ao que lemos num vespertino desta capital, houve a intervenção da policia no sentido de dispersal-o, sendo effectuada, nessa occasião, algumas prisões.

EM SOROCABA

Pelo Grupo Libertario «O Sem Patria», foi profusamente distribuido um vibrante manifesto ao povo, no qual, depois de decrever a vida e a obra de Acher, protesta veementemente contra a sua condemnação á morte pelo directorio militar que infelicitou a Hespanha rebelde.

Vladimir Ilytch Olianoff Lenine

O artigo de *A Plebe* sobre a morte de Lenine vale por uma synthese do espirito pequeno que domina os últimos abencerragens do anarchismo. Aquilo é uma causa absolutamente iniquificada, tão grande a somma de insensatez condensada, ali contida.

(Trecho duma carta de Astrogildo Pereira, enviada de Moscou e publicada pelo *O Paiz*, do Rio, em 7 de Maio.)

Damos a palavra á valente anarquista Emma Goldman:

«Lendo os elogios de Lenine por parte de seus inimigos mais encarnigados, lembro-me da admoestação de Angelina Balabanova á Clara Sheridan, a qual tinha esculpido os bustos de Lenine e de Trotsky e de muitos outros chefes bolchevistas. Balabanova perguntou-lhe nesta occasião: «Porque pensou em esculpir Lenine tres annos mais cedo, quando o governo inglez o denunciava como espião allemão? Não foi Lenine que fez a Revolução. Foi o povo russo quem a fez. Porque não esculpis os operarios e as operarias russas — são esses os verdadeiros heroes da Revolução. Porque este interesse repentinamente por Lenine?»

Com Balabanova pergunto eu a todos aquelles que hoje fazem elogios excessivos de Lenine (entre os que se encontram tambem menchevistos e socialistas revolucionarios): Porque esta eymphatia repentina? Porque esses transportes de homenagem a um homem que, ainda hontem, era ferido de anathemas? Será por causa do uso antigo do só de dizer bem dos mortos? Será porque falta a coragem para ir contra a corrente do culto dos heroes? Não será isso pura e simples hypocrisia? Esses escriptores sabem tão bem como Balabanova que não foi Lenine quem fez a Revolução.

Mais que isso, elles sabem que foi elle quem a derrotou. Passo a passo, a começar da trezna historica — a paz de Brest-Litovsk — até março do 1921 quando impoz a sua nova politica economica no seu robanho, Lenine entregou-se assiduamente á tarefa que escolheu — derrotar a revolução, castral-a, destrui-la a sua essencia, não lhe conservando senão as vestimentas exteriores que ostenta nas representações de gala da Terceira Internacional.

Este trabalho não era facil. O povo russo que se tinha dado inteiramente á revolução, mantinha uma fé fervorosa em sua força, em suas possibilidades, em sua paciencia.

Lenine ora demanado habli para se deixar ir contra uma fé tão profundamente enraizada,

contra um tal enthusiasmo popular. Ao contrario, vas para o povo e declarava-se em favor dos meios mais extremos. Seus fins, contudo, eram bem differentes e distinctos das aspirações do povo. O escopo delle era o Estado marxista — uma maquina formidavel, onipotora e omnipotente, triturando tudo em seu caminho... com Lenine e o seu partido ao leme.

Quando a vaga revolucionaria lançou Lenine ao poder, era chegada a hora — a hora de realzar o seu sonho. Os seus mais feroces inimigos nunca poderão dizer que Lenine se tenha pedido a detor: ante o que quer que seja afim de attingir o seu alvo.

Que lhe importa que a revolução seja esmagada, sin consequencia disso? Que importa que milhares de vidas devam ser sacrificadas a esta iniqua monstruosidade? Que importa que a Russia seja destruida e arruinada?

O Estado marxista surgiu do sangue e das cinzas dum movimento glorioso. A honra duma tal proeza pertenceu inteiramente a Vladimir Ilytch Lenine. Ninguém agiu com tanta deligencia e com tanto sacrificio para attingir esse fim. O futuro, no entanto, não hesitará em desmascarar o caracter duvidoso da honra que tocou ao chefe fallido de bolchevismo, ou leninismo como o seu robanho se comprax em chamar ao sistema politico e autocratico que pesa tão duramente sobre os hombros da Russia angillionada.

Os panegyristas de Lenine denominam-no «o grande». Elle não possuia certamente, em materia de grandeza, nem a do espirito, nem a do coração — essa duna libra essencial da verdadeira grandeza universal. Lenine mesmo torla escarrocado esses attributos «burguezes» que lhe outorgavam. Largueza do espirito, generosidade de coração, comprehensão e compaixão para com o adversario faltavam completamente ao homem que era, no entanto, muito humano por seus erros o amido mesmo por suas irrellexões orgulhosas.

Emma GOLDMAN.

(A concluir.)

ARRANQUEM-OS A' MORTE

Só a solidariedade dos trabalhadores de todo mundo poderá salvar a vida de J. B. Acher, em Hespanha, e de Sacco e Vanzetti, em Norte America

Um apello da C. N. do T. hespanhola em favor de «El Poeta»--Os protestos do proletariado brasileiro--Grande reunião na proxima 5.ª feira

O apello da C. N. T. A's organizações operarias, grupos anarquistas e a todos os homens

O povo hespanhol volta a defrontar um caso semelhante ao do Mateo e Nootan. Agora, foi escolhido para justica historica, um jovem artista, cuja vida elle pretende ceilar.

Juan Bautista Acher, «El Poeta», foi condemnado á pena de morte, pelo tribunal do Barcelona. A sentença condemnatoria acaba do ser, cruelmente confirmada pelo Supremo Tribunal.

O poeta, o homem, o obreiro do pensamento está ameaçado do morte! Assim o quer a funesta justica de alguns homens ainda mais funestos que essa justica. Vão matar um homem. Dentro dello vai extinguir-se essa luz que illumina os povos.

O povo trabalhador do Hespanha no que elle tem do nobre, do humano, do artista neste paiz, reclama que o jovem artista seja indultado. Este povo não pode, por causa da ditadura do Rivoira, exprimir com a clareza o a expansão necessarias, o seu protesto, o seu recelo pela vida do seu querido artista.

Por isso apela para o activo povo americano, para que este, num bello e generoso impulso colectivo, exija como um só homem, o indulto, desta nova victim.

Trabalhadores! Artistas! Homens livres! Um homem, uma mocidade generosa, vibrante o talentosa vai ser impiodosamente sacrificado pelo odio! Reclamam todos ao governo hespanhol para que Juan Bautista Acher seja indultado.

Assim o quer o povo do Hespanha. Assim vol-o pede em nome da classe trabalhadora.

O Comité Confederal da C. N. T.

Salvemos «El Poeta»

Somente por ter ideias, Por ser talentoso artista, Foi matado na prisão... Somente por ser querido No seio dos productores, Yae tombar um coração!

Somente por dar ao mundo Seu genio vasto e profundo, Verbo activo do verdade, Yae ACHER ser fustigado, Quo á morte foi condemnado Em nome da Autoridade!

Por combator a injusticia, Queror a vida inabimissa No mancebo e na mulher, Oahu nus garras da Fera, Desses tyranos que impura Na terra que deu PERRER!

Onde estão as rebeldias Que deixam negras arpias O ceu dos livres soldar? A peçonha das peçonhas, A voragula das voragulas, Não! Não deverá vingar!!

Onde estão as grandes almas, Unis os louros, onde as palmas, D'esses povos fortes e audaz, Que não nega a estingarda, Um turbilhão, na vanguarda, Aos gritos de—pura traz!

O Capital-dynastia, Que nos rouba a luz do dia, Seno que vno desabar... E do baque no esterior, Espalha a fome e o terror Para melhor se ostribar!

Mus irmãos do sofrimento, No carro do panamento Jamais havorá travão!... E' mistio que a Humanidade, Não volte á barbaridade, Nem restare a Iniquidade.

Obreiros da estrada no, Desperates! Vamos dar prova Do que souis a modado! O mundo é maior que a Espanha, E' justa a tresa campanha! Por ACHER em liberdado!

Rio, Maio de 1921.

LIRIO de REZENDE

Para a orientação do operariado

Resoluções dos tres Congressos Operarios realizados, respectivamente, em 1906, 1913 e 1920

SOBRE ORIENTAÇÃO

1.º CONGRESSO

Thema 1 — A sociedade operaria deve adherir a uma politica de partidos ou conservar a sua neutralidade? Deverá exercer uma acção politica?

«Considerando que o operariado se acha extremamente dividido pelas suas opiniões politicas e religiosas;

que a unica base solida de accordo do acao são os interesses economicos communs a toda a classe operaria, o de mais clara e prompta comprehensão;

que todos os trabalhadores, ensinados pela experiencia e desiludidos da salvacao vinda do fóra de sua vontade e acao, reconhecem a necessidade iniludivel da acao economica directa de pressao e resistencia; e que a qual, ainda para os mais legitimarios, não ha lei que valha;

1.º Congresso Operario aconselha o proletariado a organizar-se em sociedade de resistencia economica, agrupamento essencial, e sem abandonar a defesa, pela acao directa dos rudimentares direitos politicos de que necessitam as organizações economicas, a por fóra do Syndicatos a luta politica especial de um partido e as rivalidades que resultariam da adopção, pela associação de resistencia, de uma doutrina politica ou religiosa, ou de um programma eleitoral.»

2.º CONGRESSO

Sendo as aspirações dos organizações operarias tendentes á transformacão economica e social, quaes devem ser os principios da nova sociedade: os da propriedade privada e da autoridade ou os do socialismo anarchista?

«O 2.º Congresso Operario Brasileiro, tomando em consideração o 1.º thema approved pelo 1.º Congresso sobre a orientação que a organização convém seguir em face da politica especial dum partido — aconselhando a. se manter inteiramente no terreno da acao directa de pressao e resistencia contra o capitalismo, para a garantia e conquista dos seus direitos economicos que ligam estreitamente os trabalhadores, divididos pelas suas opiniões politicas, religiosas ou sociais:»

resolve confirmar as mesmas resoluções por consideras-as como mais correspondentes aos fins do movimento operario;

considerando, tambem, que com as suas periodicas e nefastas agitações os partidos politicos tendem unicamente a desviar os trabalhadores do seu movimento de resistencia e de reivindicacão social;

2.º Congresso Operario Brasileiro, mesmo tendo em conta a devida autonomia dada nos syndicatos fóra do Syndicatos, convence a classe trabalhadora do Brasil a, repellido a influencia dissolvendo da politica, declarar-se á obra da organização operaria syndicalista, que, considerada dentro da acao operaria, é o modo mais effizaz e poderoso para a conquista da melhorias imediatas de que necessita a para o fortalecimento da luta para a sua completa emancipação.

A propinquidade da ideias no Syndicato

«Tudo em conta que da liberdade dentro de mais ampla liberdade surge, com mais facilidade, o criterio logico e exacto, o 3.º Congresso Operario Brasileiro aconselha todas as sociedades operarias a permitirem em

seu seio uma ampla exposicão e discussão de todas as ideias.»

3.º CONGRESSO

«O 3.º C. O. B. tendo em vista as condições particulares aos meios operarios do Brasil, reaffirma em suas resoluções germeas as declarações feitas nos Congressos de 1906 e 1913; por outro lado, porém, examinando e ponderando a situação historica de facto em que se encontra o proletariado mundial neste momento, julga necessario estabelecer, em termos precisos, um criterio fundamental, positivo e realista, pelo qual deverão orientar-se todas as organizações, todas as lutas, todos os esforços dos trabalhadores do Brasil.

1. — Toda a vida dos nossos dias, em todo o mundo, gira em torno do choque de interesses entre as duas classes basicas da sociedade: a classe dos trabalhadores e a classe dos capitalistas. Esta do um lado os operarios, os produtores, os oprimidos, os pobres; de outro lado estão os patrões, os parasitas, os oppresores, os ricos.

2. — A classe dos trabalhadores é a classe que produz efectivamente e directamente todas as riquezas sociais, e é, no entanto, a classe pobre; a classe dos capitalistas não produz directamente, nem efectivamente, e, no entanto, é a classe rica.

Ha neste facto concreto uma injusticia concreta, que a consciencia das massas proletarias de hoje não pode mais supportar. Daí, o choque de interesses que se transforma numa luta contra a injusticia, numa luta pela justicia.

3. — Essa é a caracteristica historica dos conflitos sociais do nosso tempo: revolta da consciencia proletaria contra a injusticia do regimen capitalista. A revolta nasce do desejo do acao; do desejo de acao nasce o emprego da força; do emprego da força nasce a necessidade da organização. A organização, unindo as forças dispersas, aumenta a força de cada um e aumenta a força de todos. Desorganizados, os trabalhadores não podem organizar-se, não podem.

4. — Ficam, pois, firmados os principios e as finalidades fundamentais da organização operaria: revolta contra a injusticia; luta contra o regimen de desigualdade entre os homens; acao pela justica, luta pelo regimen de igualdade entre os homens.

5. — Em synthese: a organização operaria, constituída sob um principio de justica, tem por fim estabelecer uma sociedade em que todo o producto do trabalho util de todos seja do facto propriedade de todos os trabalhadores.»

Continua

BIBLIOTHECA SYNDICAL.
Syndicalismo e Socialismo
& Acao Syndicalista
A Confederação Geral do Trabalho
Syndicalismo e Revolução
 Cada volume 1\$000

Evangelho dos Livros —
 Alfonso Schmidt — O communismo e a mulher — A communa, chamam dos anarquistas — A margem do programma comunista.
 Folheto de 36 paginas \$200

NA ARGENTINA Contra a lei de jubilações

Ha tempos referimo nos ao movimento iniciado na Argentina contra o presente do greco: com que o parlamento querat infuzos a prolifacão da greca, e contra a lei de jubilações operarias, e o que obriga os trabalhadores a soffrerem um certo desconto em seus minguados salarios a titulo de lhes garantir uma misera pensão na velhice, fidejados que lá chegassem, certamente.

Diante da greve, especialmente das campaneiras das fabricas de teolidos, e de outras agitações, o governo resolveu suspender a applicação da lei citada, da lei arrecebo por dois mezes. Muitos supozeram que isso fosse um pretexto habil do governo bator em retirada, abandonando semilanteo disparato legislativo, semelhante a pretensão arbitraria, abusiva a extolpacao. Essas, porém, enganaram-se.

O governo, decorridos os dois mezes de prazo, não querendo certoamento dar parte do fraco, desautorar-se, arroupipe o gritou pelo cumprimento da lei. Mas sahio-lhe o tiro pela culatra. Operariado em peso declarou-se em greve geral contra semelhante mostração, contra tão infame arbitrabilidade e o movimento foi tão forte, tão bello, tão sympathico, os operarios têm tanta razão, assistem-lhes tanta justica que o mesmo commercio fechou as portas, solidário com os trabalhadores, e seicou o governo para que abandonasse a «lei das jubilações» como fiqua, como injusta, como oppressiva aos interesses e á liberdade dos trabalhadores, pois o trabalhador tem direito a receber a lei que ganha e a não ter o seu salario como bem entender e não como entenda o governo. E se o governo quer pôr e dispor dos homens e dos salarios dos trabalhadores, elle que trabalhe, que mecha a mecanica social sozinho, que mova a caravana do trabalho por seu impulso proprio.

Pois se o capitalista, o banqueiro, o latifundista, o fazendeiro, o creador, o governante fazem o que querem de seus sitios e principaes ramonações, do producto das suas sincoas; de suas plantagens legaes ou illegaes, porque o trabalhador ha de soffrer cortes em seus magros salarios, em seus insufficientes ganhos, a titulo de lhe garantir, violentamente, a velhice?

Os trabalhadores têm direitos á jubilação, direitos imprescriptivels, naturaes, intransferivels, irretorquivels. Tu-dos elles produzem, tudo elles fabricam, tudo elles movem. E' justo, e ethico, e imperativo que na velhice, após tudo terem dado em beneficio da colectividade, sejam amparados, accorridos, rodeados de todo o carinho, de toda a assistencia e conforto.

Mas essa assignacão a esse carinho não tem que ser-lhe a propria pelo do avogado suizo, do proprio sangue. São as gerações, moços, é a sociedade, é a colectividade que lhes devem proporcionar como premios luctas que sustentaram no trabalho, pelos campos, pelas officinas, pelas estancias de ferro e pelos mares frios do norte. E em face da solidaredade social que essa assignacão deve ser mantida e profligada e não em forma de esmola, de caridade mais ou menos fomentada e mentirosa.

E esse movimento de repulsa contra um decreto que quer engendrar trabalhadores sob a apparencía de querer protegê-los o favorecê-los, dá uma alta ideia de coragem, da consciencia e do valor do convicções que nasce do proletariado operario, combatendo o seu favor na vanguarda do proletariado internacional.

Muitos aliam: «Que desgraçados! dos! Alisar pedras contra a mão que quiz atirar-lhe os. E' assim que os trabalhadores precisam agir em semelhantes conjuncturas e circumstancias. O trabalhador argentino já conhece, fellezmente, o panno com que são fabricados todos os governantes e quando o milagro o grande, desconfia de suizo e repelle a esmola. Pol a que fez agora: marulou o trabalho, gritou, clamou o seu desprezo pelos leis que o querem subjugar, humilhar, annullar, desarmar. Quer luctar o seu salario. Este não chega nem para mais, mas quanto mais soffrendo descontos, restrições, desvios que ninguém podia prever que destino terão nem a quem podem ir aproveitar.»

Muito bem deve-se. Uma tal attitude, um tal resgo de coragem e de consciencia é que dignificam os trabalhadores e são uma optima lição de coiza para lideação dos grandes exploradores e comparatistas. E' isto o que o trabalhador não é mais aquillo sabujo que lambia a mão que o azoragava, que abençoava o pão que o espancava, que apertava a mão daquello que o sangrava.

Talvez desista, acontecimento de tal vulto, goster de tão optima significacão moral e defensiva valeo muito mais do que milhões de discursos muitas vezes empolados e vazios de sentido. Passou a época das phrases. E' chegada o tempo dos actos, vicia, das attitudes masculinas, das posições desassombradas.

Os trabalhadores argentinos deram-nos um grandioso, um esplendido exemplo. Que o proletariado mundial se alize o os secundo, é o que desejamos.

PRO PROPAGANDA

Balançete do festival realizado pelo Centro Libertario «Terra Livre» na Federação Hespanhola em 5 de abril ultimo e da subscrição feita entre camaradas para o custeio das despesas feitas em viagens e outros gastos em favor da propaganda.

FESTIVAL

Entradas:	
137 ingressos vendidos na porta	197\$000
406 recibidos posteriormente	408\$000
Kermessa	95\$500
Leilão	31\$800
Guarda chapéus	
Total	675\$300
Despezas:	
Aluguel do salão	114\$000
Aluguel de mesas	40\$000
Gastura do ingressos	15\$000
Feitas com a kermessa e outros frescos para os amadores	31\$200
Total	197\$200

CONFRONTO

Entradas	675\$300
Despezas	197\$200
Saldo	478\$100

SUBSCRIPÇÃO

Pontado, 20\$; Pinho, 10\$; Mario, 10\$; Felipe, 10\$; J. Costa, 3\$; Carlos, Leonardi e Santaram, 50\$; Ermengildo, 5\$; Valente, 3\$; Sarmiento, 2\$; Pina, 5\$; Lucifero, 3\$; Affonso, 1\$; Prumino, 5\$; Ortiz, 3\$; Ribolvo, 3\$; Gandara, 10\$; Pereira, 5\$; Simão, 10\$; M. J. 10\$; N. 2, 20\$; Fabião, 5\$; Martins, 5\$; Collares, 5\$; Scudlerario, 5\$; Missa, 2\$; Salgueiro, 5\$; Evaristo, 3\$; Cortes, 10\$; Edgard, 10\$; Entre camaradas do Santos, 45\$.	Total, 292\$000.
---	-------------------------

DESPEZAS

Com a excursão de um camarada ao norte do país	617\$000
Viagens de um camarada ao Rio	100\$000
Uma assignatura do «Le Libertario», do Paris	45\$000
Idem de «A Batalha» de Lisboa	19\$000
Total	811\$000

CONFRONTO GERAL

Entradas:	
Do festival	675\$300
Da subscrição	292\$500
Total	967\$800
Despezas:	
Do festival	197\$200
Da subscrição	811\$000
Total	1008\$200
Deficit	52\$200

CORREIO PLEBEU

Rio — Passos — Lectos no numero passado a rubrica «Livros recebidos»? Julgamos prejudicado o teu trabalho. — C. Civil — Recobemos os 12 volumes da «Concepção Anarchista do Syndicalismo» — Ciaza — Remetteiros o livro e as revistas. — D'Onofrio —

BIBLIOTHECA A INNOVADORA

REVISTAS E JORNAES

Pensiero e Volontà (Roma)
Revista quinzenal de cultura e estudos sociais, em lingua italiana, sob a direcção do Henrique Malatesta
Numero avulso \$700
Assignatura annual 16\$000
semestral 8\$500

FEDE (Roma)
Semannario anarchista de cultura e de defesa, em lingua italiana, sob a direcção de Gigi Dumiani
Numero avulso \$200
Assignatura: anno 12\$000
semestral 6\$000

Libero Accordo (Roma)
Periodico comunista-anarchico, em lingua italiana, sob a direcção do Montecelli Tomistocolo
Numero avulso \$200

No supplemento estão publicadas as condições de preços dos jornaes e revistas do exterior, que rocebemos.

S. Maria — J. N. — Remetteiros os numeros extraviados.
Rio Grande — Lima — Idem. — Salgado — Seguiu carta.

Pitanguira — João — Remetteiros os numeros extraviados.
Bailia — Grupo Libertario — O Antonio pagou os 20\$ dos bilhetes da tombola.

Detença — Paradas — Temos remetido o jornal com regularidade.

S. Paulo — A. Mattos — Quando tivormos occasião trataremos do assumpto.

Munições para «A Plebe»

LISTA de P. de Caldas: Contribuições mensaes: Vizzoto, 5\$; Romano, 3\$; Sestilio, 3\$; Costa, 1\$; Alvizi, 1\$; Julio, 2\$; contribuições eventuales: Forcuz, 1\$; Villela, 5\$; Domingos, 1\$; Guglielmo, 5\$; Giorgetti, 4\$; Alvizi, 1\$; Hilario, 5\$; Coimbra, 2\$; Liberal, 2\$; saldo da subscrição pró 1.º de Maio, 14\$. Total, 54\$000.

S. PAULÃO (diversos): venda avulsa pela Legião, 30\$500; Rigueti, 2\$; Teixeira e Mattos, 5\$; Fontes, 1\$; C. Civil, 2\$; Rodrigues, 1\$; Gizeza, 1\$; Fedele, 2\$; Vaz, 1\$; Anchieta, 1\$; Aroca, 1\$; Navarro, 1\$; Evaristo, 2\$; Calvo, 1\$; Ermengildo, 1\$; Sarmiento, 2\$; Raballo, 2\$500; Mattos, \$500; Pina, 1\$; Pinto, 1\$; Firmado, 2\$; venda avulsa na Immovadora, 2\$500; J. B. Minero, 5\$; Ferrelli, 5\$; Gianella, 2\$; Fantuzzi, 5\$. Total, 80\$000.

PACOTEIROS do Interior: A. Neves, do Jundiahy, 10\$; Um de S. Bernardo, 5\$; Padoiros, de Jundiahy, 5\$; Obruslak, de Babilis, por bilhetes da tombola, 26\$; idem por donativo 4\$. Total, 65\$000.

O NOSSO BALANCETE

ENTRADAS

Saldo do balancete anterior	111\$200
Do Paulo-Varios	80\$000
Faloculos do Interior	62\$000
Lista de P. de Caldas	54\$000
Total	312\$200

DESPESAS

Pollara e typographia do n. 88	52\$000
Despachos	14\$200
Sellos para expediteo do Interior, exterior e correspondencia	14\$000
Cartões, papel, tinta, envelopes e barbasco	12\$000
Total	92\$200

CONFRONTO

Entradas	312\$200
Despezas	92\$200
Saldo	220\$000

II Conferencia Libertario (Roma)

Revista Mensal
Numero avulso \$700
La Antorchas (Buenos Aires)
Semannario anarchista em lingua hespanhola
Numero avulso \$200

A BATALHA (Lisboa)

Diario syndicalista. Porta voz da Organização Operaria Portuguesa (Adherente á Associação Internacional dos trabalhadores). Publica um supplemento literario illustrado com 8 paginas ás segundas-feiras.
Preços da assignatura: «A Batalha» — Anno 48\$000
— Moç 48\$000
Supplemento — Anno 14\$000
— Moç 14\$000

A COMUNA (Porto)

Semannario comunista-anarchista (8 paginas)
Assignatura: Anno 19\$000
n. avulso \$200